

## UM RETORNO "ETERNO": 7 ANOS DEPOIS?

2020 transborda.

Promete ALARGAR seu 31 de dezembro em rios (de lágrimas):  
em janeiro, fevereiro e março.

Como dizia o poeta: naquele abraço viral!

Mais de mil mortos por dia.

Mais de mil ladainhas vacinais por noites diversas.

Mais de mil mentiras *pandemônicas* incapazes de mudar comportamentos irresponsáveis.

Menos razão e nenhuma sensibilidade!

Resultado: uma campanha eleitoral demente de 4 anos. E este deprimente enredo da Escola de Çamba *Hacadêmicos* do Morro Bovid-17: “*Vamu Fudê esta Nassão até o Mito virá Deus-Momo-Sem-Perdão*”.

Nada pior que uma terra carnavalesca incapaz de parar sua folia robotizada.

Uma laranja (verde-amarela) mecânica.

Uma total incapacidade de chegar na Quarta-Feira de Cinzas.

Apertamos o botão vermelho. Lerdo... implodimos em câmera lenta.

Vale a pena “rever” o que não prevíamos há 7 anos atrás.

Não se trata de achar “saída”. Mas perguntar: quando e como será a entrada no ano novo mais longe que o Brasil jamais viu?



Para pensar metaforicamente o estrago desse eterno retorno momesco, comecemos por um auxílio psicanalítico: “Ano que vem” cuidemos dos passos seguintes, ok! EVOÉ, BACO!

# VESTIDA DE BARCA DA MORTE

Começamos o ano celebrando a morte coletivamente: a morte do ano velho.

Contudo, o velho, para ser reconhecido, precisa estar ali: mais vivo que nunca. Saltitante, perverso e ardentemente mortal. Pronto para mergulhar como uma víbora amaldiçoada na direção de suas presas passivamente devotas.

A vida do tempo novo tem sido, mais que nunca, deslumbrante! Seja nas telas, seja sem elas (diretamente), o desejo absoluto de um arrebatamento total pela barca da morte.

Assistimos ao esforço das mídias e das retóricas do poder de isolar os lugares do espetáculo de fogos: as *Copacabanas* e paulistas que anunciam o grito do pré-Carnaval. Mas sobraram praias grandes, *Tancrosos*, *Jericoacoaras*, Cabos Frios e inferninhos para viralizar (nos 2 sentidos) nossa tourada mortal.

E não demorou muito. Assim que o rei Sol raiou, o rei Caronte mergulhou no mar tenebroso dos povos canibais.

Um Zé do Caixão anfíbio: pronto para dar sua picada venenosa; e algumas centenas de manés sem caixão e sem razão afogando-se na bestialidade feliz.

Faz tempo, transformamos o Entrudo português em Carnaval patrimônio, diversificado e vital. Agora, anunciamos que o bacanal dionisiaco está de volta contagiado pelos ritos fúnebres.

Tudo o que aprendemos com Iemanjá e com as recomendações de segurança tornaram-se descartáveis. Mesmo assim, não custa lembrar que as praias reservam surpresas. E que entre a vida e a morte pode existir um sofrimento acidental de longo prazo.

